LENDAS DE GOIÁS: AS FORMAÇÕES DISCURSIVAS EM TEREZA BICUDA E MULA-SEM-CABEÇA

Josefa Gonçalves dos Santos Lopes [1] (IC)*; Fernanda Surubi Fernandes[2] (PQ)

josefagoncalvesdossantoslopes@hotmail.com

[1]Universidade Estadual de Goiás – UEG/Câmpus São Miguel do Araguaia. Avenida José Pereira do Nascimento Nº 320 Centro, São Miguel do Araguaia-GO.

[2]Universidade Estadual de Goiás – UEG/ICâmpus Iporá. Av. R2. Jardim Novo Horizonte. Iporá-GO.

Resumo: Este estudo faz parte do projeto de pesquisa *Lendas da região: processo de (des) identificação do sujeito goiano.* Por isso, possui como objetivo analisar as lendas "O fantasma de Tereza Bicuda" e "A lenda da mula-sem-cabeça", buscando compreender o funcionamento das formações discursivas na produção dos sujeitos e dos sentidos. A pesquisa tem a Análise de discurso, como base teórica e analítica. Baseando-se em Orlandi (2016), como também em Lopes (2008) e Brandão (1984). Em "A lenda da mula-sem-cabeça" observamos um processo histórico e ideológico, no qual a mulher assume o papel da desobediência a uma ordem direta de Deus, produzindo efeitos de pecado, de errado, a respeito da mulher, mostrando um preconceito em relação a mulher, ao não repreender o homem/padre. Do mesmo modo, em "O fantasma de Tereza Bicuda", a lenda possui um efeito moralizante de como devem ser as ações, principalmente contra um dos 10 mandamentos: obedecer a pai e mãe, pois no fim, o fantasma de Tereza fica preso ao pé de uma árvore, como sinal do castigo recebido pela maldição de sua mãe.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Sujeito. Moral.

Introdução

As lendas goianas são interessantes pois nelas podemos abordar diferentes sentidos. Com a leitura e a interpretação conseguimos compreender como os sentidos são produzidos numa relação com a história e a ideologia.

Segundo Carlos Renato Lopes (2008), nas lendas contemporâneas nos deparamos com elementos que estão presentes no cotidiano das pessoas, seja no plano físico ou no plano espiritual, a comunidade interage com os fenômenos, nas práticas discursivas dando sentido aos elementos que são reconhecidos, assim o sujeito dessa prática está conceituado dentro dos contextos social e histórico de uma determinada comunidade. Para o autor, as lendas foram definidas como um

processo comunicativo, assim, a lenda na forma emergente está pautada em níveis diferentes, em um contexto social, as quais são contadas não importando sua estrutura, sua veracidade.

Nessa direção, este estudo compreende as posições-sujeito presentes nas lendas da região de Goiás. Para isso, analisamos as lendas “O fantasma de Tereza Bicuda” e “A lenda da mula-sem-cabeça”, buscando compreender o funcionamento das formações discursivas na produção dos sujeitos e dos sentidos.

Material e Métodos

A pesquisa foi realizada com base na Análise de discurso, como base teórica e analítica, com autores como Orlandi (2016), como também em Lopes (2008). Assim, primeiramente, foram realizadas leituras sobre folclore, lenda e discurso a partir dos textos como: O *que é folclore* de Carlos Rodrigues Brandão (1984); “Em busca do gênero lenda urbana” e “Lendas Urbanas: narrativas entre o acontecimento e a estrutura” de Carlos Renato Lopes (2008a, 2008b); “Era uma vez corpos e lendas: versões, transformações e memória” de Eni Puccinelli Orlandi (2016).

No livro *O que é folclore,* Carlos Rodrigues Brandão (1984) traz detalhadamente esse mundo folclórico que está arraigado na cultura e história de um povo. Falar de folclore é falar de um povo, nesse caso o povo brasileiro, devido a este estudo, mais precisamente do estado de Goiás. Conhecer uma determinada região, ter contato com a comunidade, observar seus costumes e rituais religiosos, suas festas, e danças, é primordial para entender o que é folclore. Dessa forma, para o autor, Goiás tem características intrínseca com o seu povo, costumes e tradições são sua maior riqueza.

De acordo com Brandão (1984), folclore é tudo que identifica a memória de um povo, seus costumes sua cultura, suas rezas, seus rituais religiosos, sua dança. O folclore está na maneira de se vestir, na maneira de falar, no trabalhar a terra para o plantio, na observação do tempo para que a semente seja semeada, nos rituais na hora de plantar o grão. Segundo o autor, o folclore sempre estará vivo e mutável, ou seja, dando espaço para que se agregue outros elementos culturais, religiosos,

tradicionais. Dessa forma, o folclore pode ser para algumas pessoas uma coisa, e para outras pessoas pode ser uma outra coisa, ou seja, o folclore está na vida, na alma, na identidade de um determinado povo.

Já para Carlos Renato Lopes a lenda é um termo que é usado para as diversas versões, gênero “convencional, dialético e polifônico” (LOPES, 2008a, p. 381), a lenda está dentro de um fogo cruzado de controvérsias, já se espera a resistência da sociedade no que diz respeito a veracidade ou não das lendas, as quais trazem o sentido de que todos os gêneros têm uma particularidade entre si marcando sua própria história em uma relação harmoniosa no discurso de uma comunidade.

Nessa direção, Orlandi (2016) expõe que a lenda sempre traz um fundo de verdade, que tem origem histórica e personagens que se apresentam como sobrenaturais. Para a autora, um conto nunca é na sua forma original, pois “reza a lenda que quem conta um conto aumenta um ponto”, a autora compara esse dito como um trabalho de crochê, pois é gradativo.

Podemos dizer, portanto, que a lenda urbana é um fator cotidiano de histórias que o povo conta, deixando assim para cada um tirar suas próprias conclusões, verdades ou mentiras, depende da crença de cada um. Os pontos principais sobre uma lenda é a história de um povo de determinado lugar, sua origem, suas crenças e religião sua memória.

Por isso, a análise ocorre apartir do conceito de formação discursiva. Para Orlandi (2007), a noção de formação discursiva expõe as posições ideológicas materializadas através da linguagem. Para a autora: “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada […] determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2007, p. 43).

Resultados e Discussão

O livro de *Lendas e mitos do Brasil* (ALVES, PEREIRA, 2007) traz a memória da lenda da mula-sem-cabeça. No primeiro momento, a lenda fala que pode haver aparições, nesse sentido nem sempre aparece. Na lenda há alguns pontos que identifica a aparição da mula-sem-cabeça. Ao analisar os itens apresentado pela a

própria lenda, observa-se que toda a narrativa sobre a lenda está envolta no mundo espiritual.

> Nos pequenos povoados ou cidades onde existam casas rodeando uma igreja, em noites escuras, pode haver aparições da Mula-Sem-Cabeça. Se alguém passar correndo diante de uma cruz à meia-noite, ela também aparece. Dizem que é uma mulher que namorou um padre e foi amaldiçoada. (ALVES, PEREIRA, 2007, p. 20)

Chamando a atenção para uma crença religiosa, que envolve personagens e símbolos espirituais. Vários elementos são usados, para essa apresentação, são usados elementos como: a igreja, a cruz, o padre, a mulher, o número sete. Outros elementos também que estão simbolizando o mundo espiritual: a meia noite, noite escura, o dia de quinta-feira. Todos esses elementos se constituem como formação discursiva religiosa, pois são voltados para o mundo espiritual, ou uma espiritualidade seja para o bem ou para o mal, no caso da mula-sem-cabeça está representando o folclore brasileiro, para muitos a cultura do Brasil.

Para o Lopes (2008b), é apontado que tanto lenda como rumor se caracterizam como proposição a crença, diante dos questionamentos sobre o que é lenda e o que é rumores é enfatizado que tais relatos não se tornam lendas porque surgem novos rumores, sendo assim o espaço de tempo é mínimo não tendo intensidade no discurso de uma determinada comunidade, nesse sentido entra em destaque no processo folclórico de lendas urbanas, boatos que traz o sentido discursivo, na memória onde se produz dizeres que surgem através de fatos, possibilitando sentido discursivo de narrativas que agregam a lenda a rumores contemporâneos.

Nessa direção, a lenda fala que a mula-sem-cabeça é uma mulher que namorou um padre e foi amaldiçoada, no entanto a um ponto importante a ser analisado, porque a mulher é amaldiçoada e não o padre? Observamos um processo histórico e ideológico, no qual a mulher assume o papel da desobediência a uma ordem direta de Deus, produzindo efeitos de pecado, de errado, a respeito da mulher, mostrando um preconceito em relação a mulher, não repreendendo o homem.

Nesse aspecto, a formação discursiva religiosa é atravessada pela formação discursiva social e histórica na qual a mulher é significada como um ser sedutor, que deve ser repreendido, castigado. Por isso, Orlandi (2016) mostra a necessidade de se analisar o fator histórico e o ambiente em que o sujeito vive. A autora não busca a

explicação, mas a posição do sujeito e do sentido. Nesse sentido o padre é um elemento importante espiritual, o padre que por ser um líder espiritual da igreja católica, fez um voto de castidade, que pela lei eclesiástica não pode casar. No entanto, o padre quebra o voto de castidade, mesmo assim, é à mulher que o castigo é dado.

Em “O fantasma de Tereza Bicuda” temos a descrição de uma mulher que tinha como forte característica os lábios grossos, por isso o apelido. Era uma pessoa que maltratava a mãe.

> Pessoa de maus bofes, tratava a mãe de forma absolutamente cruel: botava a velha para mendigar nas ruas, batia nela, humilhava. Um dia, chegou ao extremo da maldade e, diz o povo, colocou um freio de cavalo na bocada genitora, montou, e nela andou montada à frente de todo o povo. Aquilo foi demais: a pobre mulher morreu mas, antes, excomungou a filha desnaturada. (SITE CURTA MAIS)

Da mesma forma que a lenda da mula-sem-cabeça, temos aqui a formação discursiva religiosa, na relação com a social. Pois a imagem de Tereza Bicuda é relacionada às suas ações de crueldade contra à mãe. Nesse sentido, a lenda possui um efeito moralizante de como devem ser as ações, principalmente contra um dos 10 mandamentos: obedecer a pai e mãe. No fim, o fantasma de Tereza fica preso ao pé de uma árvore, como sinal do castigo recebido pela maldição de sua mãe.

Do mesmo modo, Orlandi (2016) afirma que é na formulação que a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza e que o sujeito se mostra e se esconde; formular é dar corpo ao sentido. Nesse sentido, “O fantasma de Tereza Bicuda”, pode ser relacionado com a lenda do corpo seco, analisada por Orlandi, pois em ambas nos deparamos com uma crença antiga onde quem bate na mãe ou no pai atrai uma maldição para si. A lenda do corpo seco fala exatamente de indivíduo que por bater na mãe e até no pai perde a salvação, pois Deus não o recebe e nem mesmo o diabo, até a terra o rejeita, assim como Tereza Bicuda. Nessa direção, compreendemos que a lenda:

> Nunca se tem uma versão só. Sua incompletude – há silêncios significando – apela para um trabalho da memória, na tensão máxima entre língua e história. Podem ser mais ou menos antigas e podem até se basear em fatos reais, mas se formulam, textualizam-se, em suas particularidades, no confronto entre a memória e o discurso social" (ORLANDI, 2017, p. 51).

Essa fundação da lenda, nessa perspectiva, permite até hoje que a lenda seja contada, com várias versões, sendo atravessado pelo discurso religioso. Por isso, tem relação com o profano, e com a realidade.

Considerações Finais

As lendas "A lenda da mula-sem-cabeça", "O fantasma de Tereza Bicuda", expõem como o discurso da moral religiosa atravessa o texto, ao contar a lenda, e a interdição ocorre sobre a condição feminina. Independentes das ações, é a figura feminina que é amaldiçoada por não seguir regras religiosas e sociais, maltratar a mães por exemplo, além de ser contra um mandamento, também foge das regras estabelecidas pela sociedade. A violência, agressão não deve ocorrer.

Segundo Orlandi (2005, p. 101) "[...] a ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este se submete à língua significando e significando-se pelo simbólico na história". Desse modo, os discursos sobre a condição feminina são atravessados por uma constituição histórica no qual a mulher é tomada numa dualidade de posições sujeito, numa relação entre boa e má, funcionando muitas vezes por uma interdição de sua condição. Ou seja, a relação em ser boa, somente se significa na relação de seguir normas, preceitos estabelecidos para sua condição. Assim, ser má aparece num duo com boa, como oposição, em relação ao não seguimento dessas normas estabelecidas socialmente, e assim, produzindo efeitos de que, tal como Eva, recebe o castigo merecido.

Agradecimentos

Agradecemos ao apoio da central de bolsas com a bolsa de Iniciação Científica da UEG.

Referências

ALVES, Maria José de Castro; PEREIRA, Maria Antonieta. A lenda da Mula-sem-cabeça. In: **Lendas e mitos do Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Folclore**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense,1984.

LOPES, Carlos Renato. Em busca do gênero lenda urbana. **Linguagem em (Dis)curso**. V. 8. N. 2. Mai./ago. 2008a. p. 373-393. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ld/v8n2/09.pdf. Acesso em 29 jan. 2018.

_____. Lendas Urbanas: narrativas entre o acontecimento e a estrutura**. Eutomia**: Revista Online de Literatura e Linguística. Ano 1. N. 2. 2008b. P. 318-342. Disponível em:https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1946. Acesso em 29 jan. 2018.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

_____. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.

_____. Era uma vez corpos e lendas: versões, transformações, memória. In: _____.**Instituição, relatos e lendas: narratividade e individuação dos sujeitos.** Pouso Alegre: Univás, Campinas: RG Editores, 2016. p. 21-39.

_____. Uma lenda urbana: o capeta de Borba da Mata. In: _____. **Eu, tu, ele: discurso e real da história**. Campinas, SP: Pontes, 2017. P. 49-68.

SITE CURTA MAIS. 13 lendas urbanas goianas de causar arrepios. Disponível em: http://www.curtamais.com.br/goiania/13-lendas-urbanas-goianas-de-causar-arrepios. Acesso em 22 de jul. 2018.